

Ideologias e Totalitarismo

Um Diálogo com o Pensamento de Hannah Arendt

Paulo César Nascimento¹

A obra que Hannah Arendt dedicou ao fenômeno do domínio total —*As Origens do Totalitarismo*— é hoje reconhecida como um dos estudos mais profundos e ricos sobre o tema, desafiando o tempo e mantendo toda a sua relevância. Hannah Arendt não se limitou a buscar as origens do totalitarismo —ela discute longamente suas implicações políticas e filosóficas, apontando ainda no fenômeno totalitário o surgimento de uma nova forma de governo, desconhecida até então na tradição da teoria política ocidental.

Nesta dissertação, o autor procurou reconstituir a trilha do pensamento de Hannah Arendt e suas reflexões sobre o totalitarismo, discutindo alguns pontos mais controvertidos de sua análise, com um enfoque dirigido principalmente para a vertente stalinista ou bolchevista do totalitarismo. O bolchevismo e a «ideologia da história» que informava aquele movimento, como a própria Hannah Arendt admitiu, receberam um tratamento menos amplo e profundo que a outra vertente totalitária, o nazismo, além do fato de que o bolchevismo teve desdobramentos que a experiência nazista desconheceu. Como o próprio título da dissertação sugere, foi priorizada a análise do conceito de ideologia, por sua importância para a compreensão do totalitarismo, e também porque as ideologias são um fenômeno marcante da nossa época, sendo seus elementos de grande ajuda para a compreensão do declínio do mundo público e da própria atividade de pensar.

A dissertação aborda inicialmente as concepções de Hannah Arendt referentes ao «pano de fundo» do totalitarismo, ou seja, ao mundo no qual o domínio total pôde surgir. Aqui o autor incluiu as análises arendtianas sobre o anti-semi-tismo e o imperialismo, presentes em *As Origens do Totalitarismo*; sobre a era moderna, extraídas de *A Condição Humana*; e sobre o conceito de autoridade, presente em *Entre o Passado e o Futuro*.

No caso do anti-semitismo do século XIX, pode-se constatar a passagem de um conflito tradicionalmente religioso para a explosão de um sentimento racista generalizado contra os judeus, primeiro sintoma do que viria a ser no século XX a política do «inimigo objetivo» da Alemanha nazista. O advento do imperialismo, por sua vez, acarretou outros eventos que também posteriormente adquiriram sua plenitude máxima nos sistemas totalitários — a expansão ilimitada, o declínio do equilíbrio entre o Estado e a Nação, a administração burocrática sem leis, exercida sobre povos considerados racialmente inferiores, prelúdio do genocídio — com o conseqüente advento dos «homens supérfluos», ou seja, de pessoas sem lugar no mundo e sem a proteção das leis, o que facilitava sua eliminação.

A análise da era moderna, por outro lado, permite a verificação de outros fenômenos surgidos que colocaram em xeque aspectos da condição humana. Esses fenômenos são, para Hannah Arendt, o início das sociedades de massa que a revolução industrial criou, com o subsequente desenraizamento das pessoas, a alienação e a perda do senso-comum generalizados, assim como o declínio da estabilidade do mundo humano, em um clima espiritual de raciocínio cientificista e perda da capacidade de julgar e encarar as evidências e fatos.

No tópico sobre o conceito arendtiano de autoridade, a dissertação enfatiza outras características de nossos tempos — o esgarçamento das tradições e das religiões, que constituíam parâmetros de estabilidade para os assuntos humanos, e o fim das autoridades tradicionais, sintoma da crise política do século XX. Resgatando o conceito de autoridade da nuvem de confusão formada a respeito, Hannah Arendt mostra a estreita ligação entre a dissolução de todas as autoridades e o próprio declínio do domínio público-político.

Esses são os fatos que o autor da dissertação qualifica de «pano de fundo» do totalitarismo, enfatizando, nos marcos da concepção arendtiana, que esses fatos e o surgimento do totalitarismo não guardam entre si uma relação de causalidade; eles são qualificados como «condições de possibilidade» dos surtos totalitários.

Reconstituído o palco a partir do qual o totalitarismo pôde desenvolver-se, a dissertação aborda a seguir a questão da ideologia. Hannah Arendt definiu o totalitarismo como uma forma de governo baseada na ideologia e no terror, o que delimita a especificidade do totalitarismo em relação às ditaduras, tiranias, e despotismos. O autor discute o conceito de ideologia, enfocando diferentes autores e correntes de pensamento, a fim de levantar algumas hipóteses sobre as principais características da ideologia — seu caráter «fechado» e totalizante, sua pretensa racionalidade (o que a torna um fenômeno recente) e sua estreita ligação com a política. O marxismo, que se apresenta como uma crítica das ideologias, ao mesmo tempo que se transformou também em ideologia, é enfocado pelo autor da dissertação como um sistema de idéias cujos componentes podem «funcionar» como ideologia em um contexto específico.

Na última parte da dissertação, o autor enfoca a concepção arendtiana de ideologia à luz do totalitarismo, bem como o terror que ela enseja quando transformada em «princípio de ação» por movimentos totalitários — no caso, o bolchevismo e o nazismo. Ao longo do texto, o autor procura demonstrar como Hannah Arendt acolhe as características da ideologia acima mencionadas, mas introduz outras — a lógica dialética e as leis de movimento — presentes nas ideologias da raça e das classes. A dissertação procura ligar o «pano de fundo» do

totalitarismo com a emergência do fenômeno totalitário enquanto tal, mostrando como o apelo ideológico dos movimentos totalitários aparece para substituir um mundo reduzido a escombros. O totalitarismo é então, nessa perspectiva, uma resposta à crise do século, resposta essa que leva ao paroxismo os mesmos sintomas dessa crise.

À guisa de conclusão, o autor aborda sumariamente a evolução do regime russo de Stalin a Gorbatchov, no intento de demonstrar tanto o término do totalitarismo como os limites das diversas «aberturas» promovidas pelas lideranças soviéticas. A dissertação afirma que as condições existentes nos países do chamado «socialismo real», e no mundo em geral, fundamentam a apreensão de Hannah Arendt sobre a possibilidade de novos surtos totalitários.